

**O "INTELLECTUAL ORGÂNICO" FLORESTAN FERNANDES: CONTRIBUIÇÕES
PARA A EDUCAÇÃO E PARA A PESQUISA**

***EL "INTELLECTUAL ORGÁNICO" FLORESTAN FERNANDES: CONTRIBUCIONES
A LA EDUCACIÓN Y A LA INVESTIGACIÓN***

***THE "ORGANIC INTELLECTUAL" FLORESTAN FERNANDES: CONTRIBUTIONS
FOR EDUCATION AND RESEARCH***

Jaciara Oliveira LEITE¹
Kátia Augusta Curado Pinheiro CORDEIRO²
Leila Chalub MARTINS³

RESUMO: Este texto aborda a trajetória de vida e obra do sociólogo brasileiro: Florestan Fernandes, a partir do conceito de "intelectual orgânico" de Antônio Gramsci. Tem como foco principal a identificação e análise das concepções de educação que marcaram as diferentes fases de sua produção acadêmica e ação militante. Para isso, realizou-se o estudo de textos e livros do autor, tendo como base as contribuições de Bárbara Freitag. Ao lançar olhares sociológicos para a realidade, ele também realizava ações políticas concretas em defesa da escola pública e pela democratização do acesso à Universidade, tendo em vista sua significação política no contexto da América Latina. Foi possível perceber "rupturas epistemológicas" em sua obra que se refletem também nas suas concepções de educação analisadas, quais sejam: redentora; como parte de um projeto de sociedade e com caráter não somente instrutivo, mas, também, político; educação como formação humana, para além das instituições formais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Pesquisa. Militância. Florestan Fernandes.

RESUMEN: Este texto trata de la historia de la vida y la obra del sociólogo brasileño Florestan Fernandes, desde el concepto de "intelectual orgánico" de Antonio Gramsci. Su principal objetivo es la identificación y análisis de las concepciones de educación que han marcado las diferentes etapas de su producción académica y acción militante. Para esto, se llevó a cabo el estudio de textos y libros del autor, basado en las contribuciones de Barbara Freitag. Al lanzar miradas sociológicas a la realidad, él también lleva a cabo acciones políticas concretas en defensa de la escuela pública y por la democratización del acceso a la Universidad, a la vista su importancia política en el contexto de la América Latina. Fue posible ver "rupturas epistemológicas" en su trabajo que también se refleja en

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Docente na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás - FEFD/UFG. Membro do Laboratório de Pesquisa em Educação Física, Sociedade e Natureza - Labphysis/FEFD/UFG. Email: jacifef1@yahoo.com.br

² Professora adjunta - DE da Universidade de Brasília - UnB no Departamento de Administração e Planejamento - PAD da Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação. Coordenadora do GEPFAPe - Grupo de Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Pós-doutorado na Universidade de Campinas/Faculdade de Educação. Email: curadopinheiro@hotmail.com

³ Professora associado da Universidade de Brasília. Coordenadora do Observatório da Juventude da UnB e Coordenadora Geral do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa pela UnB. Doutora em Ciências Sociais - Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Estágio pós-doutoral no Centre d'Analyse et d'Intervention Sociologiques - CADIS, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França(2011/2012). Email: leilachalub3@gmail.com

sus concepciones de educación analizados, a saber: redentora; como parte de un proyecto de sociedad y con carácter no sólo instructivo sino también político; la educación como formación humana, más allá de las instituciones formales.

PALAVRAS CLAVE: *Educación. Investigación. Militancia. Florestan Fernandes.*

ABSTRACT: *This text is about the life path and the literary work of Brazilian sociologist Florestan Fernandes, based in the concept of "organic intellectual" of Antonio Gramsci. It focuses primarily on the identification and analysis of educational concepts that marked the different stages of their academic production and militant action. For this, it was studied texts and books of author, based on the contributions of Barbara Freitag. By launching sociological eyes to reality, he also performed concrete policy actions in defense of public schools and the democratization of access to the University, given its political significance in the context of Latin America. It was revealed "epistemological ruptures" in his work that are also reflected in the analyzed conceptions of education, namely: redemptive; as part of a project of society and character not only instructive, but also political; education as a human formation, beyond the formal institutions.*

KEYWORDS: *Education. Research. Militancy. Florestan Fernandes.*

Introdução

Florestan Fernandes poderia ser apresentado de muitas formas: fundador da Sociologia Crítica (IANNI, 1996), "um dos maiores intelectuais que o Brasil conheceu" (FREITAG, 2005), "o pai da sociologia brasileira" (Jornal do Brasil, em ocasião de sua morte, 1995). Tomei a liberdade de também adjetivá-lo, tendo em vista suas contribuições para a ciência e para a política brasileira e mundial, muitas das quais de vanguarda e sempre muito coerentes com sua vida, ação no mundo e com a classe trabalhadora. Achei no conceito apresentado por Gramsci, de intelectual orgânico, um adjetivo que consegue apreender a essência de Florestan.

Gramsci (2001) apresenta a ideia de que todos os seres humanos desenvolvem atividades intelectuais criadoras, das mais simples as mais complexas, mas nem todos exercem a função de intelectuais na sociedade. Para ele, um intelectual orgânico possui características específicas:

Inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, "persuasor permanentemente", já que não apenas orador puro; [...] da técnica-trabalho, chega à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual permanece "especialista" e não se torna "dirigente" (especialista + político) (*Idem*, 2001, p. 53).

De fato, Florestan desenvolveu a função de intelectual orgânico na sociedade brasileira, pois as características acima evidenciadas foram se constituindo ao longo de sua trajetória de vida e da sua obra de forma muito imbricada e única.

Ele foi "dirigente - especialista e político" - orgânico aos interesses e à defesa dos grupos marginalizados (negros, índios, classe trabalhadora), dedicando muitas de suas análises e produções a isso, rompendo, assim, com o "intelectual do tipo tradicional" (*Ibidem*).

Para compreender, ainda que inicialmente, a vasta obra do autor realizei o seguinte movimento de estudo (não linear e que ainda não cessou): biografia; texto de Bárbara Freitag (2005); leitura de livros e textos de diferentes fases de sua produção.

Esse movimento tem me possibilitado uma visão interessante do pensamento teórico e da ação militante de Florestan, elementos esses inseparáveis. Pretendo destacar neste artigo sínteses provisórias sobre as diferentes concepções de educação que perpassaram a sua obra.

Concepções de educação: três momentos em Florestan

Eu nunca teria sido o sociólogo em que me converti sem o meu passado e sem a socialização pré e extra-escolar que recebi através das duras lições da vida. Para o bem e para o mal — sem invocar-se a questão do *ressentimento*, que a crítica conservadora lançou contra mim — a minha formação acadêmica superpôs-se a uma formação humana que ela não conseguiu distorcer nem esterilizar. Portanto, ainda que isso pareça pouco ortodoxo e antiintelectualista, afirmo que iniciei a minha *aprendizagem sociológica* aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a *convivência humana* e a sociedade em uma cidade na qual não prevalecia a *ordem das bicadas*, mas a *relação de presa*, pela qual o *homem se alimentava do homem*, do mesmo modo que o tubarão come a sardinha ou o gavião devora os animais de pequeno porte (FERNANDES, 1994, p. 123)⁴.

Filho de Maria, profissão lavadeira, nascido em 1920, era chamado de Vicente pelos padrões de sua mãe, pois o nome "Florestan" não caberia a um filho de empregada.

Foi criança trabalhadora (engraxate, biscateiro, auxiliar de garçon, entregador de remédios a domicílio, dentre outros) e teve seus estudos interrompidos na infância, sendo somente retomados aos 18 anos de idade. Segundo Freitag (2005), Florestan entrou na Universidade de São Paulo (USP) em 1941 para cursar Ciências Sociais, formou-se em 1945

⁴ Este trecho e outros autobiográficos que aparecerão ao longo do artigo são fragmentos do texto "Ciências Sociais: na ótica do intelectual militante", publicado em 1994 na Revista Estudos Avançados, mas que foi extraído de: FERNANDES, F. **A Sociologia no Brasil**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. p. 142-179.

e foi convidado a trabalhar como assistente na cadeira de Sociologia da USP com Roger Bastide, tendo assumido como titular em 1964.

O entrecruzamento de sua origem familiar e social com o trabalho, no sentido dado por Marx (2008) como produção da vida, são marcas de sua constituição como sujeito histórico, muito questionador e político.

Para quê e a quem serve a escola? A universidade? A ciência? Os intelectuais? Os educadores? Que lugar essas instituições e sujeitos ocupam em um país como o Brasil? Por quê? O que fazer para mudar/transformar?

O pensamento do autor convida e provoca essas questões, que me parecem, ousado dizer, o acompanharam durante toda a vida. Como cientista social crítico e engajado, seu pensamento, ainda que muito coerente com sua vida, com os contextos históricos e com as teorias que lhe deram fundamento, vai apresentando ao longo do tempo nítidas mudanças no que se refere às epistemologias que lhe dão base.

Esse movimento foi nomeado por Freitag (2005)⁵ de “rupturas epistemológicas”. A autora identificou três fases distintas da vida e obra de Florestan, quais sejam: “acadêmico-reformista” ou “cientista-acadêmico”; “político-revolucionária”; “militante solitário”. Tal análise permitiu-me uma visão do todo, além de orientar meus estudos, que se deram, inicialmente, a partir da leitura de alguns dos livros identificados, por ela, que mais expressariam cada um dos momentos do autor.

Irei aqui compartilhar o exercício feito de focar o olhar na concepção de educação que perpassou cada uma das fases indicadas, buscando estabelecer algumas relações e realizar sínteses.

Fase “acadêmico-reformista” ou “cientista-acadêmico” e a educação como redentora

Aquele não era o “meu” mundo. Eu me descobrira e, ao mesmo tempo, sentia crescer dentro de mim uma vocação adormecida, que me dava forças e argúcia para aceitar o desafio de tornar-me um professor e um intelectual [...] Em suma, o Vicente que eu fora estava finalmente morrendo e nascia em seu lugar, de forma assustadora para mim, o Florestan que eu iria ser (FLORESTAN, 1994, p. 129 - 130).

⁵ Barbara Freitag defendeu a dissertação “O desenvolvimento sócio-econômico do Brasil a partir da visão dos cientistas sociais brasileiros” (1967), na qual analisou a obra de três cientistas sociais brasileiros: Gilberto Freyre, Florestan Fernandes e Celso Furtado.

Este período trata-se do início da carreira acadêmica e de professor de Florestan e vai de 1941 até 1968, antes do Ato Institucional nº 5 (AI - 5) e de sua aposentadoria compulsória em virtude da ditadura militar.

Para compreender essa fase realizei a leitura dos livros "Ensaio de Sociologia geral e aplicada" (1963 - 2ª ed.) e "Educação e Sociedade no Brasil" (1966).

De acordo com Freitag (2005), as características desse momento, seriam, resumidamente: base na Sociologia positivista, com teorias de Durkheim, Weber, Radcliff-Brown, Mannheim e Hans Freyer (essencialmente acadêmicas e conservadoras). Porém, já se apresentava como um intelectual crítico e imbricado com as populações e grupos historicamente marginalizados, tanto socialmente, como nas pesquisas acadêmicas.

Realizou estudos heurísticos com grupos indígenas, negros, crianças, trabalhadores⁶, assim como também investigou a educação formal, tendo feito pesquisas sociológicas a esse respeito.

Nesse sentido, é possível perceber um paradoxo de Florestan que se localiza entre sua visão de mundo, seu referencial, sua análise sociológica e aquilo que almejava para a sociedade brasileira.

O autor (1963) teceu duras críticas às fortes desigualdades presentes na sociedade na primeira metade do século XX: rural, atrasada, sem espaço para os negros e onde a educação era um privilégio para poucos. Realiza, então, análises sobre a condição de "subdesenvolvimento", identificando três grandes dilemas - social, racial e educacional -, e fazendo a defesa da democracia, aspecto sempre muito presente em suas palavras.

Essa reflexão entra em contradição com seu ideário de adaptação e ajustamento do sistema educacional para atender às exigências da modernidade, das classes sociais e da própria democracia.

Tal paradoxo também fica claro quando ele identifica e analisa, com base em extensa análise de dados, que o sistema educacional sofre influências sociais, mas, transparece acreditar que o mesmo tem possibilidades de ser melhorado isoladamente, sem que para isso aconteçam, necessariamente, transformações sociais mais profundas. Demonstra, assim, acreditar que a educação pode influenciar sobremaneira as necessárias mudanças sociais.

⁶ Para o próprio Florestan, o trabalho que teve mais importância foi as "Trocinhas de Bom Retiro" que versou sobre as crianças da classe trabalhadora da periferia de São Paulo (1994) e foi desenvolvido em sua graduação. Sua dissertação de mestrado e tese de doutorado tratou sobre os indígenas, seus títulos, respectivamente, foram: "Organização Social dos Tupinambá" (1947), A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá (1950). Sobre os negros publicou livros como "A integração do negro na sociedade de classes" (1964), "O negro no mundo dos brancos" (1972), entre outras publicações.

Parece que há aí uma concepção de educação redentora, permeada por resquícios positivistas e de caráter reformador, que se traduz em expressões como "progresso", "intervenção racional" e "controle".

Graças à formação e ao desenvolvimento do sistema de classes sociais e do regime democrático, a educação sistemática passou a ocupar posição central entre os fatores que concorrem, estrutural e dinamicamente, para o equilíbrio e progresso da vida social (FERNANDES, 1963, p. 192 - 193).

Ao mesmo tempo, observo que essa crença na educação e na democracia permitiu ao autor elaborar concepções de vanguarda para a época e que me parecem centrais para os estudos atuais.

A primeira delas diz respeito ao papel do cientista social. Esse, é entendido pelo autor como agente de mudança cultural, que teria como função alargar o horizonte cultural e o refinamento das formas de consciência social (*Idem*), se contrapondo, assim, à neutralidade científica.

Para ele, "[...] a situação de trabalho dos cientistas sociais, nos países subdesenvolvidos, envolve-os em uma complexa teia de interesses sociais, aos quais eles não podem ser indiferentes" (*Idem*, p. 200).

Nesse mesmo sentido, tem-se mais uma contribuição heurística: a necessária cooperação entre educadores e cientistas sociais. Florestan questiona a própria concepção de ciência e o papel do sociólogo, apresentando inovações em ambos, e mantendo a coerência com sua teoria em processo de construção, ou seja, sendo coerente com aquilo que acreditava, como pode ser observado nos trechos abaixo:

O teor positivo de uma investigação científica depende, exclusivamente, dos procedimentos empregados na sua realização e na verificação de seus resultados (*Idem*, p. 202).

A ética científica não impõe nenhuma limitação, dada a importância que possui para a ciência, a transformação de conhecimentos positivos em forças socialmente úteis à vida humana (*Idem*, p. 203).

É a partir dessa compreensão de ciência engajada, que ele desenvolveu amplas pesquisas com profundas análises sobre toda a educação formal brasileira, e participou, como um dos protagonistas, da Campanha em Defesa da Escola Pública.

No livro "Educação e Sociedade no Brasil" (1966), Florestan discorre longamente sobre a Campanha. Mas, em breves palavras, tratou-se de um grande movimento político,

organizado e planejado que envolveu representantes dos movimentos sociais, da academia, da política, da sociedade civil⁷. Contou com estudos, elaboração de documentos, mobilização, seminários, participação ativa nas discussões e decisões (câmara, senado e outros espaços) relativas à educação no Brasil.

A campanha foi responsável por tencionar, durante dois intensos anos de trabalho e por múltiplas vias, o projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que acabou por ser aprovado em 1961.

As críticas ao texto eram, sobretudo, contra a privatização escancarada do ensino prevista no documento. Também questionavam aquilo que faltava na proposta:

- uma filosofia de educação autenticamente democrática;
- a modificação da organização obsoleta do sistema;
- a integração dos diferentes níveis de ensino;
- a qualidade do ensino;
- a prioridade do ensino primário;
- princípios gerais e fundamentais ao funcionamento das escolas e às tarefas educacionais legítimas do Estado;
- fiscalização do ensino privado.

Junto à crítica e aos questionamentos, como era da característica de Fernandes, houveram proposições concretas para a educação pública brasileira. Todavia, muitas das contribuições advindas da Campanha não foram consideradas, e acabou-se aprovando uma lei de caráter privatista, favorecendo, mais uma vez, a classe dominante. Como analisou o próprio Florestan (1966, p. 347):

Por fim, toda a consciência democrática da Nação pode estarrecer-se com o que se fizera. Vingara um projeto educacional retrogrado, reacionário e ineficiente, que nos expunha a uma marcha na direção do passado da ordem de três quartos de século.

Entende-se que mais essa interlocução com a realidade concreta, da aparência à essência (LEFVBRE, 1991), deixou clara a incompatibilidade em ter uma escola, pública para todos e de qualidade, em um Estado brasileiro arraigado de interesses privatistas e longe de posturas democráticas.

⁷ Além de Fernandes: Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Antonio de Almeida Jr, Carneiro Leão, Leonel Franca, Alceu de Amoroso Lima, Anísio Teixeira, alguns deputados e senadores (FERNANDES, 1966).

A Campanha revelou a luta de classes em um país que foi colônia, que era dependente economicamente e subdesenvolvido. Parece que essa caminhada ajudou Florestan em seu processo de rupturas epistemológicas e de constituição da originalidade de seu pensamento e atuação.

Ruptura Epistemológica: fase “político-revolucionária” e a educação como parte de um projeto de sociedade

A segunda fase identificada por Freitag (2005) é chamada de "político-revolucionária", data do Pós Golpe de 1964 e AI – 5 e vai até a virada de 1960 para 1970.

Para compreender melhor esse momento, dediquei-me ao estudo do livro "Universidade Brasileira: Reforma ou Revolução" (escrito em 1968 e publicado pela primeira vez em 1975).

Com o AI-5 e o enrijecimento da ditadura militar, Florestan e um conjunto de conhecidos professores da USP e de outras universidades, como Fernando Henrique Cardoso e Otavio Ianni, foram aposentados compulsoriamente em 1969.

Na época ele tinha 45 anos de idade e estava "no auge de sua carreira intelectual e acadêmica" (FREITAG, 2005). Diante disso, Florestan aceita o convite para trabalhar na Universidade de Toronto no Canadá (1970) e retorna ao Brasil somente em 1973. Como estava proibido de lecionar, ele vai trabalhando no que pode, como, por exemplo, na coordenação para a Editora Ática da série “Grandes Cientistas Sociais”⁸ (*Idem*, 2005).

Esse período representa também uma "ruptura epistemológica" de Florestan, com mudanças em sua base teórica que agora passa a contar com autores do materialismo histórico-dialético, tais como: Marx, Engels e Lenine. Ele passa a ser menos “científico”, e mais polêmico, político e revolucionário (*Idem*, 2005).

O contexto da ditadura militar desvela, mais ainda, que no modo de produção capitalista, em um país com muitas desigualdades de toda ordem, a educação e a democracia não poderiam ser vividas plenamente e nem seriam para todos. Nesse contexto ele se assume

⁸ "[...] Havia rejeitado convites para trabalhar nos USA, na Alemanha e até mesmo no Cebrap, fundado com auxílio de recursos da Fundação Ford pelos cientistas sociais cassados, entre eles seus ex-alunos Fernando Henrique Cardoso, Arthur Gianotti e José de Souza Martins. Suas razões foram políticas: não trabalharia para instituições financiadas com recursos americanos, pois atribuía aos EUA a iniciativa de iniciar e sustentar o golpe militar no Brasil" (FREITAG, 2005, p. 232).

socialista e prossegue com seus questionamentos sobre as questões sociais, a ciência, a educação e a universidade.

Percebo mudanças em seu entendimento sobre a educação formal, que passa a ser compreendida como parte de um projeto de sociedade e com caráter não somente instrutivo, mas, também, político.

A concepção de educação fica expressa em suas críticas ao caráter elitista e conservador do ensino superior, em especial quando se dirige à universidade:

Para que a universidade se renove e se reconstrua, é imprescindível que se implante no país uma democracia de participação ampliada e que, a longo prazo, sejamos capazes de lutar, ao lado das classes trabalhadoras e das massas populares, pela transformação dessa democracia numa democracia da maioria e socialista (Prefácio à 2ª ed., 1978).

Nesse período de sua obra estabeleceu fortes críticas ao reformismo no Brasil, em diferentes esferas, especialmente por conta da reforma universitária em curso. Ele afirmou: "[...] reformador é o conservador que não paga seus ônus morais" (*Ibidem*).

Com base em pesquisas sociológicas, identifica e analisa que o país tem vivido um “impasse histórico crônico”: corrupção, atraso, desigualdade social, dívida externa, e que isso se deve a sua posição no interior do capitalismo, como uma nação subdesenvolvida e conservadora.

Ou seja, constata que esse é o lugar que cabia (cabe?) ao Brasil nesse imenso latifúndio, para parafrasear João Cabral de Melo Neto, cantado por Chico Buarque em 1966.

Parece que o processo revelador da Campanha em Defesa da Escola Pública e o cerceamento causado pelas imposições militares tenham sido cruciais para as mudanças em sua perspectiva epistemológica. Ainda que Freitag (2005, p. 240) afirme que “[...] curiosamente, não foram esses fatos externos da política repressiva brasileira que levaram a uma mudança conceitual e de metodologia de análise”.

Sempre muito questionador, diz do problema dos intelectuais, muito centrados ou preocupados em destruir os opositores, ou menosprezando às soluções técnicas, e atribui a isso um fator importante de nosso lento desenvolvimento.

Defende, então, a necessidade de desenvolvimento tecnológico e científico com radicalismo intelectual, mas endereçado aos interesses da classe trabalhadora e mesmo feito por ela, já que se encontra desesperançado com os valores e a organização da universidade.

Por enquanto e, talvez, ainda por muito tempo, os impulsos para a “reforma radical”, a “revolução dentro da ordem” e a “revolução contra a ordem” terão de ser procurados fora das universidades e, muito, provavelmente, na massa dos excluídos e dos marginalizados, que nem sequer chegam a ter um lugar em suas mentes ou em suas aspirações para a universidade (*Idem*, p. 268).

De forma dialética, ele consegue refletir sobre os problemas internos de sua universidade (USP), muitos dos quais pautados no conservadorismo das posições políticas. Mas, sem perder de vista a totalidade do momento histórico brasileiro, analisa os dados regionais do acesso ao ensino superior e as desigualdades culturais e regionais refletidas nos números. Diante das estatísticas concluiu que o ensino superior brasileiro tinha caráter "ultra-elitista", expressão utilizada pelo próprio autor (FERNANDES, 1978) .

Tabela 1: Matrícula geral no Ensino Superior no ano de 1965

Regiões	%
Norte	1,88
Centro-Oeste	2,60
Nordeste	11,87
Sudeste	36,21
Sul	47,41

Fonte: IBGE, 1965 (apud FERNANDES, 1978)

Diante das desproporções regionais e de uma universidade dilacerada e, em muitos momentos, conivente com a ditadura, o autor defende a democratização de seu acesso tendo em vista sua significação política, especialmente no contexto da América Latina. Mas, afirma que seria necessária a luta por, ao mesmo tempo, reconstruí-la e transformá-la. É no movimento estudantil e na juventude onde ele vê a última garantia restante de possibilidade de transformação (*Idem*, 1978).

Aqui, mais uma vez, é possível estabelecer relações entre Florestan e Gramsci, pois ambos defendiam o acesso da classe trabalhadora à educação formal, mesmo considerando os desafios:

Se se quiser criar uma nova camada de intelectuais, chegando às mais altas especializações, a partir de um grupo social que tradicionalmente não desenvolveu as aptidões adequadas, será preciso superar enormes dificuldades (GRAMSCI, p. 2001, p. 53).

A concepção de escola unitária de Gramsci (2001), baseada numa educação formal que abarque a cultura geral, humanista, o trabalho técnico/manual e o trabalho intelectual, uma formação humana, apresenta contribuições e importantes reflexões que, ao meu ver, dialogam com os ideários de Fernandes.

Para o contexto atual e diante do que defendiam os dois autores, considero válido questionar se o processo de democratização da educação pública brasileira tem sido realizado com a intenção de formar uma "nova camada de intelectuais orgânicos", ainda que não tenha dúvidas de que o acesso das pessoas da classe trabalhadora à escola e à universidade, ou seja, ao conhecimento sistematizado, apresente um potencial para tal objetivo.

Fase “Militante Solitário” (1986 – 1995) e a educação como formação humana

Para compreender sua última fase, não me detive sobre algum livro específico, pois percebi, salvo engano, que o que a marca são suas atuações militantes, mais do que sua produção acadêmica.

A partir das contribuições de Freitag (2005) destaco os principais feitos de Florestan nesse período:

- Em 1986 se filia ao Partido dos Trabalhadores, sob a condição de que o partido não lhe financiaria, mas que seria ele, o sociólogo, que financiaria o partido;
- No mesmo ano foi eleito Deputado Federal em São Paulo pelo PT, sendo em seguida reeleito;
- Trabalhou na elaboração da Constituição de 1988 e em subcomissões de Educação;

Para a autora, apesar da aproximação com as leituras do materialismo histórico-dialético, Florestan não pode ser considerado um marxista, pois não aderiu a modismos e tinha uma construção teórica autônoma e própria.

Interessante perceber sua concepção de educação nessa fase a partir de três elementos importantes de sua trajetória: o trabalho como representante político, vinculado às subcomissões de educação; o afastamento da universidade, a qual ele passou a considerar burocrática e marcada pelo "carreirismo egocêntrico da maioria dos professores e pesquisadores", não voltando mais a trabalhar na mesma; e sua atuação como articulista da Folha de S. Paulo, pois via no jornalismo instrumento mais eficaz do que a sala de aula e procurava "educar o leitor" (*Idem*).

Considerações Finais

Florestan concebeu e viveu a educação indissociada das diferentes dimensões da vida e da organização social, extrapolando as instituições, vinculada assim à formação humana e aos anseios por modos de produzir a vida mais justos e plenos.

As "rupturas epistemológicas" indicadas por Freitag (2005) foram possíveis de ser observadas e se refletem também nas concepções de educação inicialmente identificadas, quais sejam: redentora; como parte de um projeto de sociedade e com caráter não somente instrutivo, mas, também, político; educação como formação humana, para além das instituições formais.

A intenção não era de classificar, mas, colocar em realce os elementos mais expressivos que puderam ser analisados e tendo clara a necessidade de continuidade do estudo da obra de Florestan para melhor compreender sua produção.

Este estudo, ainda que inicial e com foco no tema da educação, buscou trazer também à tona as contribuições do autor que justificam, ou esclarecem, considerá-lo um intelectual orgânico, no sentido de Gramsci. Nesse sentido, destacaria:

- o estudo de grupos e temas historicamente marginalizados como base de sua ação como militante;
- o caráter profundo e extenso de suas pesquisas e análises sociológicas, fazendo uso de distintas fontes de dados advindos da realidade, tais como: estatísticas e dados oficiais; imersão nos campos de pesquisa, considerando os sujeitos por meio da observação e do diálogo, assim como o contexto cultural e econômico;
- a busca pela coerência teórica/epistemológica e sua prática social;
- a originalidade e autonomia intelectual que perpassaram sua trajetória.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, em especial à Professora Kátia Augusta Curado pela generosa leitura e observações. À Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás.

Referências

FERNANDES, F. **Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada**. 2ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1960.

FERNANDES, F. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Dôminus Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1966.

FERNANDES, F. **Universidade Brasileira: reforma ou revolução?** 2ª ed. São Paulo: Editora Alfa – Ômega, 1979.

FERNANDES, F. Ciências Sociais: na ótica do intelectual militante. **Estudos Avançados**, vol. 8, n. 22, set./dez., 1994.

FREITAG, B. Florestan Fernandes: revisitado. **Estudos Avançados**, vol. 19, n. 55, set./dez., 2005.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere - Volume 2**. 2ª ed. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IANNI, O. A sociologia de Florestan Fernandes. **Estudos Avançados**, vol. 10, n. 26, jan./abr., 1996.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica Formal/Lógica Dialética**. 5ª ed. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MARX, K. **O Capital** – crítica da Economia Política. 25ª ed. Tradução de Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Como citar este artigo:

LEITE, Jaciara Oliveira LEITE et al. O “intelectual orgânico” Florestan Fernandes: contribuições para a educação e para a pesquisa. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.12, n.1, p. 90-102, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n1.7870>>. E-ISSN: 1982-5587.

Data de submissão: jul/2015

Aprovação final: dez/2016